

Universidade de Brasília

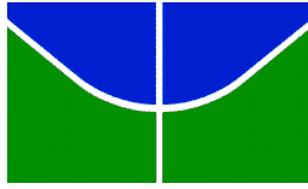
Instituto de Ciência Política

Rotas de liberdade: sujeitos políticos e a construção de identidades negras no ensino superior

Guilherme da Silva Peres

Brasília – DF

Fevereiro/2024



Universidade de Brasília

Instituto de Ciência Política

Rotas de liberdade: sujeitos políticos e a construção de identidades negras no ensino superior

Guilherme da Silva Peres

Artigo apresentado ao Curso de Ciência Política do Instituto de Ciência Política, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Ciência Política, sob a orientação do professor Dr. Gustavo Rodrigues Mesquita.

Brasília

Fevereiro/2024

1. IDENTIDADES NEGRAS E EDUCAÇÃO

O ensino superior possui impacto direto na trajetória de estudantes negros, seja no acesso, que pode oferecer condições materiais suficientes para oferecer novas perspectivas de vida, antes não apresentadas, ou na criação de novas percepções acerca da própria individualidade, que também podem influenciar no desenvolvimento interpessoal dos indivíduos e de sua subjetividade. Apoiado na literatura recente sobre relações raciais, considero ser crucial ao tema do ensino superior explorar sua relação com a formação de identidades e o desenvolvimento de sujeitos políticos. Além disso, é necessário abordar a especificidade das identidades negras, considerando diversas análises e uma compreensão aprofundada dos processos históricos que marcaram o Brasil no decorrer de séculos.

O estudo se propõe a examinar elementos referentes a estudantes negros no ingresso à Universidade, tendo como objeto de trabalho o ensino público, e considerando fatores que podem influenciar na construção de sua identidade. Além disso, busca-se compreender como a vivência acadêmica e as interações sociais no ambiente universitário contribuem para a formação de uma identidade própria, levando em conta a multiplicidade de grupos sociais e oportunidades oferecidas pela Universidade de Brasília (UnB).

A pesquisa utilizará métodos qualitativos, como entrevistas e análise de narrativas, para captar aspectos em comum das experiências individuais desses estudantes no ambiente acadêmico. Também será considerada a perspectiva institucional, examinando políticas de inclusão, programas de apoio e ações afirmativas que possam influenciar positiva ou negativamente na vivência e permanência desses indivíduos.

As entrevistas foram realizadas com grupo focal formado por cinco estudantes negros, de diferentes cursos, áreas de pesquisa e realidades sociais. Realizamos as entrevistas deste grupo focal entre os dias 01 de outubro e 12 de dezembro de 2023, via Google Meet e entrevistas presenciais. O grupo focal foi constituído por cinco estudantes do Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília, a saber, um

estudante extensionista, um estudante militante, um estudante alheio a processos acadêmicos, estudantes com renda acima de 1,5 salário mínimo e abaixo de 1,5 salário mínimo. Tais perfis de estudantes têm o objetivo de nos oferecer percepções variadas acerca do mesmo tema.

A partir da análise do conteúdo qualitativo, observou-se que a política de ação afirmativa foi essencial para a entrada dos cinco estudantes, explicitando a necessidade de um esforço institucional de continuidade e aperfeiçoamento desta política. Para além disso, políticas públicas de assistência estudantil também se mostraram cruciais para a permanência do grupo analisado. Ao analisar de que forma o panorama social da sociedade atravessa a vivência acadêmica, foi possível perceber que questões como conciliação entre trabalho e estudo, complementação de renda familiar, perspectiva de carreira, violência institucional e simbólica, são condições determinantes para a continuidade ou não de um curso de graduação. Portanto, existem aspectos que vão além da entrada no ensino superior, e que necessitam de reparação estatal, como a aplicação e implementação de políticas públicas de educação que ofereçam perspectiva e apoio para a continuidade na Universidade. Além disso, observou-se que todos os estudantes, de alguma forma, foram atravessados por discussões acerca de sua própria identidade, antes ou depois do ingresso no ensino superior, explicitando que o contato com grupos e debates voltados para o letramento racial influenciam na forma em que trajetórias são desenvolvidas.

Dessa forma, o acesso a esses debates dentro da comunidade acadêmica se torna crucial para a construção de um olhar interno sobre si mesmo baseado na convivência em determinados espaços. A convivência estudantil (grupos de estudantes, professores, entre outros) auxilia no processo de reconhecimento, logo, promove mais estímulos de participação. Observei que parte das ações concretas realizadas pelo grupo focal foram baseadas na compreensão da possibilidade de atuação na Universidade como um direito, como uma possibilidade acessível.

Ao final, espera-se que a pesquisa auxilie na discussão acerca de como a entrada na universidade impacta a identidade dos estudantes negros, contribuindo para o

desenvolvimento de estratégias e políticas que promovam um ambiente acadêmico mais inclusivo e equitativo na Universidade de Brasília.

O referencial teórico deste artigo é fundamentado em obras que exploram as complexidades da identidade racial, especialmente no contexto dos estudantes negros e o impacto das políticas públicas de educação. A partir da leitura das obras, foi possível refletir sobre questões como a busca por uma identidade autêntica, papel dos coletivos, pertencimento e reflexões da atuação universitária de estudantes negros, como questões cruciais para compreender como as políticas educacionais podem influenciar a construção identitária desses indivíduos. A compreensão dessas dinâmicas é crucial para avaliar o impacto que o suporte institucional traduzido em políticas de apoio e permanência possuem na promoção de espaços inclusivos, no fortalecimento desses grupos, e nos rumos daqueles que buscam ascensão social.

Assim, ao unir essas perspectivas teóricas, o artigo busca explorar criticamente como as políticas públicas de educação contribuem para formar a identidade dos estudantes negros, considerando as nuances psicossociais e as consequências das dinâmicas de acesso e permanência ao ensino superior em instituições públicas.

1.1 IDENTIDADE

É essencial conectar a construção de identidades à persistência de vestígios do sistema colonial e ao racismo. A questão da colonialidade desempenha um papel central na formação da identidade de pessoas negras, especialmente em contextos em que o colonialismo possuiu impactos significativos. A colonialidade refere-se à práticas, estruturas e ideologias que perduram após o fim formal do colonialismo, perpetuando desigualdades, discriminações e opressões. Ela resultou em uma experiência de identidade cultural híbrida para as pessoas negras. Por muitos anos, a população negra desenvolveu identidades que são uma fusão de suas culturas de origem e elementos culturais dominantes impostos pelos colonizadores. Atualmente, a construção da identidade envolve reconectar-se às raízes culturais, curar traumas intergeracionais e resistir aos sistemas de opressão que mantêm a colonialidade.

Dessa forma, em uma sociedade que ainda enfrenta resquícios do passado colonial, o indivíduo negro se depara com uma imagem negativa de si mesmo. Esses indivíduos são levados a internalizar estereótipos racistas e a desejar uma identidade branca como meio de escapar do estigma e da discriminação.

Neste artigo, busco aprofundar a compreensão da formação de identidades negras contemporâneas, trazendo a dinâmica do assimilacionismo no contexto da entrada no ensino superior e seu impacto na construção de identidades. O assimilacionismo refere-se à tendência de indivíduos adotarem padrões culturais, sociais e educacionais predominantes como principal estratégia de integração à sociedade.

Ao investigar o assimilacionismo, pretendo analisar como a entrada no ensino superior pode influenciar a adoção ou resistência a esses padrões assimilacionistas por parte dos estudantes negros. Procura-se compreender em que medida a educação superior, muitas vezes caracterizada por uma estrutura institucional eurocêntrica, pode promover ou desafiar o assimilacionismo na construção dessas identidades. É importante explorar os desafios enfrentados por esses indivíduos ao ingressarem na Universidade, analisando a existência de uma imposição simbólica que tem como objetivo uma assimilação cultural e acadêmica. Além disso, é preciso compreender como as experiências educacionais, as interações sociais e as políticas institucionais podem influenciar a autopercepção e a identidade racial desses estudantes.

A abordagem crítica adotada neste estudo permite uma análise aprofundada das ramificações do assimilacionismo na formação de identidades negras contemporâneas, oferecendo insights sobre a resistência cultural, a busca por autenticidade e as estratégias de empoderamento que os estudantes negros podem desenvolver no contexto educacional superior. Ao compreender o impacto da educação nesse processo, o estudo contribui para o desenvolvimento de políticas e práticas mais inclusivas, visando promover uma diversidade de identidades em vigor no ambiente acadêmico.

Buscar uma identidade branca representa uma forma de autonegação, na qual as pessoas negras tentam negar sua própria identidade e cultura para se conformarem aos padrões brancos estabelecidos. Conforme expresso por Frantz Fanon em *Pele Negra Máscaras Brancas, de Frantz Fanon*, essa dinâmica opera como uma "máscara branca", na qual as pessoas negras adotam comportamentos, linguagens e atitudes brancas na esperança de serem aceitas e reconhecidas como iguais (FANON, 2008).

O livro *Pele Negra Máscaras Brancas, de Frantz Fanon* é um dos referenciais teóricos deste estudo. Oferece uma das bases conceituais essenciais para compreendermos a complexidade da construção de identidades no contexto do ensino superior. A escolha por Fanon se justifica pela sua abordagem acerca das dinâmicas psicossociais enfrentadas por indivíduos negros em sociedades marcadas pelo racismo e pela colonização. O autor traz uma análise sobre as experiências individuais de negros que vivem em contextos coloniais, explorando a internalização de estereótipos raciais e a busca por uma identidade autêntica. No contexto específico do ensino superior, as reflexões de Fanon sobre a alienação, a assimilação cultural e as tensões psicológicas enfrentadas pelos indivíduos negros se tornam relevantes conforme a conclusão de minhas análises. A partir deste referencial, foi possível observar de que forma as estruturas educacionais podem moldar a percepção de identidade, destacando a importância de reconhecer e confrontar as formas de racismo internalizadas que podem surgir durante a trajetória acadêmica.

A construção de identidades negras por meio da educação desempenha um papel fundamental na promoção da igualdade racial e no combate ao racismo. Parto da hipótese de que a educação tem potencial e joga peso considerável na formação de identidades individuais e coletivas, desempenhando um papel crucial na desconstrução de estereótipos e na valorização da cultura afrodescendente. As experiências fazem parte do processo de reconhecimento de si mesmo, logo, se existem barreiras para a efetivação deste processo, existem barreiras concretas que reduzem a oportunidade de contato de discentes negros com um conhecimento agregador para a construção de sua própria identidade.

1.2 POLÍTICAS DE ACESSO E PERMANÊNCIA

A partir de um esforço de Frentes Negras e organizações, o movimento negro brasileiro obteve conquistas importantes na última década, como por exemplo, a aprovação da Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Além disso, um avanço importante foi a implementação da Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012 - Lei de Cotas¹ - que dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio (LIMA, RAMOS, 2017). Programas de assistência estudantil, que auxiliam estudantes a permanecerem no ensino superior, além de programas como o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES) e Programa Universidade para Todos (ProUni), também foram importantes para inserir a população negra nas Universidades brasileiras. Em 2004, o percentual de estudantes negros no ensino superior brasileiro em relação ao número total de estudantes era de 5,6% (G1, 2012). Com a abertura de novas vagas no ensino superior e adoção de cotas raciais pela grande maioria das Universidades brasileiras, foi possível perceber um aumento significativo desses estudantes nos corredores universitários. Este avanço foi importante para atingir de forma prática a realidade de milhares de jovens que, anteriormente, possuíam grandes dificuldades de acesso à educação superior. Estavam inseridos em realidades paralelas, principalmente vinculadas a trabalhos precarizados.

Apesar do avanço na entrada da população negra no ensino superior, ainda existem desafios relacionados à permanência e conclusão da graduação. Segundo relatório realizado pelo Instituto Semesp (Sindicato das Entidades Mantenedoras de Estabelecimentos de Ensino Superior no Estado de São Paulo) em 2023, a evasão estudantil nas Universidades foi de 55,5% (CNN BRASIL, 2022). Após o período

¹No dia 14 de novembro de 2023, entrou em vigor a Lei 14.723/23, que modifica a Lei de Cotas no âmbito do ensino federal, abrangendo tanto o ensino superior quanto o técnico. Esta legislação tem sua origem no Projeto de Lei 5.384/20, apresentado pela deputada Maria do Rosário (PT-RS) e outros, o qual foi aprovado na Câmara dos Deputados com parecer favorável da deputada Dandara (PT-MG), e posteriormente no Senado. O texto foi sancionado sem vetos pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva e publicado no Diário Oficial da União. Dentre as modificações propostas por essa nova legislação, destacam-se a alteração do processo de ingresso dos cotistas no ensino superior federal, a redução do critério de renda familiar para a reserva de vagas, e a inclusão de estudantes quilombolas como beneficiários das cotas (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2023).

de pandemia a partir do ano de 2020, as dificuldades enfrentadas na educação brasileira se agravaram, desde o ensino básico até o ensino superior. Além da queda da permanência nas Universidades, a taxa de evasão em Universidades públicas foi de 38,8% em 2021 (CRB, 2023). Outro fator foi o próprio ingresso na graduação. Dados do Censo da Educação Superior, do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), apontam que foram 108,6 mil calouros cotistas em 2022, 16 mil a menos do que no ano anterior, o que representa uma queda de 13%, a maior em uma década (GLOBO, 2023). No curso de Ciência Política da Universidade de Brasília, no segundo semestre de 2022, a cada 25 estudantes aprovados na seleção do período, apenas 2 estudantes eram negros, sendo somente 1 oriundo de escola pública (CEBRASPE, [s.d.]). Para analisar essa realidade, é preciso compreender a realidade majoritária da juventude negra no país, que apesar dos avanços, ainda se encontra longe do ensino superior.

Dessa forma, é possível perceber que para além de pensar na permanência, é importante analisar os incentivos de ingresso na Universidade que alunos cotistas possuem. Essa dinâmica de adoção de políticas de permanência e ingresso no ensino superior possui reflexo direto na evasão estudantil. Por meio das entrevistas qualitativas realizadas, pôde-se perceber que alguns estudantes dependem de forma crucial de programas de assistência estudantil, a exemplo das bolsas de assistência estudantil para permanecer na Universidade, do auxílio alimentação para se alimentar durante os dias de estudos, todos esses fornecidos pela Universidade por meio do Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), além também da participação em outros programas de pesquisa e extensão. Esse incentivo material para a participação em atividades extracurriculares na graduação perpassa permanência, mas também engajamento em projetos e outras atividades desenvolvidas no espaço acadêmico. Essa participação, conseqüentemente, leva a uma maior integração entre alunado e instituição, que proporciona experiências relevantes no que se refere à construção de identidades. Coletivos, grupos de pesquisa e projetos de extensão são espaços importantes para aquisição de conhecimento por meio do contato com novas realidades, contribuindo assim, para a construção de novas percepções sobre si mesmo como sujeito.

1.2 ETNOGRAFANDO A VIVÊNCIA UNIVERSITÁRIA

Em 2018, o número de estudantes pretos ou pardos na Universidade de Brasília era de 18.711 em relação ao total de 39.610 discentes ativos de graduação (DPO UNB, 2019). Tendo em vista as dificuldades de inserção de estudantes negros na Universidade, é possível entender que, conseqüentemente, pode existir um desequilíbrio entre estudantes negros e brancos nos espaços de participação universitária, como projetos de extensão, pesquisa e ensino. Este desnivelamento reflete na falta de engajamento de estudantes negros ou no desestímulo com o processo de participação.

Ao longo da construção da identidade da população negra, manifesta-se diversos obstáculos que podem contribuir para uma ausência de autopercepção positiva, com a manutenção interna de estereótipos que podem permanecer durante boa parte da vida. Experiências cotidianas frequentes na vida de crianças negras são responsáveis pela construção da identidade e autoestima, a disseminação de estereótipos raciais pode levá-las a internalizar uma imagem negativa de si mesmas. Crianças negras podem enfrentar discriminação racial no ambiente escolar, o que pode prejudicar seu desempenho acadêmico e o acesso a oportunidades educacionais. A falta de representação de figuras negras na história e na literatura escolar também pode influenciar a percepção que as crianças têm de si mesmas e de seu lugar no mundo. Além disso, interações com a polícia, mercado de trabalho, entre outras instituições, contribuem para a construção da identidade e conseqüentemente, no comportamento manifestado ao longo da vida adulta. Tais comportamentos e internalização de sentimentos e percepções de mundo podem afetar a qualidade do relacionamento entre graduandos negros e a Universidade, tendo em vista que a entrada no ensino superior por si só não exclui a possibilidade de vivência acerca de todas as questões citadas. O ensino superior público possui o papel da transformação, porém existem experiências cruciais no desenvolvimento do cidadão anterior ao acessá-lo.

Observei que, os estudantes mais engajados em projetos e vivência na graduação, possuíam algum tipo de apoio interpares na percepção de suas capacidades e valorização intelectual. Apesar disso, podemos perceber que o grupo focal

majoritariamente apresentou questões de dúvidas em relação a seu lugar ou pertencimento na Universidade, ou seja, o questionamento de sua própria identidade, valor intelectual, reforço de trajetória e estímulo de participação foram afetados em algum grau pelo sentimento de deslocamento.

A pesquisa realizada na Universidade de Brasília com participação de cinco estudantes negros com perfis socioeconômicos e cursos de graduação distintos revelou nuances complexas relacionadas ao engajamento, participação e construção da identidade entre esses estudantes. Estudantes dos cursos de Ciência Política, Ciências Sociais, Letras e Artes Visuais foram entrevistados. Para apresentar o resultado quantitativo, irei utilizar pseudônimos para identificar os estudantes entrevistados. Dentro deste grupo, foram criados cinco perfis: estudante com renda acima de 1,5 salário mínimo (Cleo); estudante com renda abaixo de 1,5 salário mínimo (Yuri); estudante com baixo engajamento acadêmico (Fabrício); estudante presente no movimento negro universitário (Gael); e estudante extensionista (Patrícia). Ao explorar as interações dentro do ambiente acadêmico, foi possível identificar padrões distintos em termos de apoio interparental, percepção de capacidades e valorização intelectual, assim como o impacto desses fatores no sentido de pertencimento dos estudantes.

Em um dos pontos observados, notou-se que uma parte do grupo era altamente engajada em projetos e vivências acadêmicas, enquanto a outra parcela convive de forma mais distante dos espaços acadêmicos. Dessa forma, constatou-se que os estudantes engajados possuíam estímulos de natureza interparental e um relevante contato com mecanismos que os auxiliaram antes mesmo da entrada na Universidade a se autodeclararem enquanto pessoas negras e se engajarem em possibilidades de participação em coletivos e/ou projetos interdisciplinares. Também foi possível identificar que o suporte financeiro com origem de qualquer natureza também auxiliou esses estudantes a ingressarem, permanecerem e se engajarem de alguma forma na graduação. A outra parcela do grupo presenciava estímulos em menor intensidade, sendo estes estímulos interparentais ou financeiros. Assim, se observou uma dificuldade deste grupo em se inserir na comunidade acadêmica.

A partir dos estímulos expostos citados, os estudantes mais ativos se enxergaram em uma posição de “agente transformador” de sua realidade, incorporando para a sua trajetória acadêmica a participação em projetos e o anseio em aprofundar-se em questões relacionadas à sua própria identidade, ou seja, a inserção no sistema universitário estimulou comportamentos e atitudes de sujeitos que se vêem como portadores de direitos ou indivíduos capazes de desenvolver o que está sendo produzido na Universidade. Por outro lado, essa inserção traz consigo o constante questionamento de suas próprias capacidades, revelando os custos que podem ser gerados sob um estudante negro inserido em um ambiente de alto status social e com elevadas exigências. A entrada na graduação por si só não trouxe incentivos capazes de realizar este movimento, foi necessária a colaboração de outros fatores vinculados à família e condições materiais palpáveis. Contudo, foi a partir dela que importantes questionamentos e possibilidades de engajamento foram trazidos à tona. Essa análise se concretiza no momento em que é possível perceber que uma parte dos entrevistados se retrai a partir dos desestímulos, enquanto a outra parcela os enxerga, porém não os trata como determinantes para a forma com que suas ações serão definidas.

Isto significa que, combinada a políticas de entrada, é necessário o esforço do Estado para fornecer políticas públicas voltadas para a permanência, que auxiliem estudantes negros a observarem o potencial de sua participação no ensino público, tendo em vista o caráter por vezes elitista do ambiente universitário.

Além disso, outra questão importante foi a diferença dos sentimentos de pertencimento baseado no curso de origem dos entrevistados. Segundo dados de 2015 (UNB, 2016), dos cerca de 3,5 mil professores da UnB, 65 se declararam negros, 460 pardos e 1.915, brancos. Desse total, 71 se declaram amarelos e 8 indígenas. Quase 1,2 mil docentes da UnB não declararam a raça neste levantamento. Sendo assim, existe uma baixa presença de docentes não brancos na Universidade de Brasília, fator que pode influenciar nos referenciais presentes no trabalho de docência destes profissionais. Em razão dessa ausência de profissionais não brancos no corpo docente universitário, surge o sentimento de não representatividade por parte dos discentes, sentimento esse que foi identificado a partir das entrevistas realizadas. De forma unânime, todos os estudantes relataram

a ausência de profissionais negros na Universidade. Contudo, é importante entender as especificidades de cada curso e unidade acadêmica.

Para os estudantes que se diziam mais engajados, casos da estudante Patrícia, curso de Ciência Política, e do estudante Gael, curso de Ciências Sociais, foi possível observar que existia uma relevante participação de coletivos ou organizações negras atuantes nessas áreas, diretamente no espaço específicos dos cursos ou com participação de discentes vinculados a essas graduações.

A partir das entrevistas e análise crítica acerca dos espaços da Universidade, foi possível constatar que em cursos de Humanas existe um incentivo maior de indivíduos negros membros do corpo estudantil e docente, comparado a grande maioria das áreas existentes na UnB. Portanto, o incentivo às políticas públicas de cotas, que possibilitem a entrada de estudantes e docentes nos mais variados cursos, faz com que possa ocorrer um processo de fortalecimento destes grupos, que proporciona maior engajamento dos envolvidos na ocupação de espaços como sujeitos e membros da comunidade acadêmica. A interação entre esses estudantes, tanto dentro quanto fora da sala de aula, revelou um ambiente mais próximo de algo estimulante e colaborativo, em que o compartilhamento de ideias e a participação ativa eram incentivados. O contato com semelhantes, por vezes moradores do mesmo bairro ou conhecidos do ensino secundarista, proporciona uma aproximação subjetiva em relação às noções de mundo, objetivos pessoais e de construção coletiva, combinados ao estímulo de produção científica e acadêmica promovida pela Universidade.

Neste mesmo grupo, a pesquisa evidenciou um paradoxo significativo. Apesar do engajamento e apoio percebidos, havia uma expressiva presença de dúvidas em relação ao lugar e pertencimento na Universidade. Os entrevistados frequentemente questionavam sua própria identidade, enfrentando desafios emocionais e psicológicos relacionados ao sentimento de deslocamento, mesmo em um contexto acadêmico aparentemente favorável.

A partir dos insumos das entrevistas, identificou-se que o grupo focal majoritariamente convive com a realidade estudo-trabalho, sendo esse fator

determinante para a continuação da graduação. Todavia, o suporte financeiro familiar minimiza a insegurança financeira, revelando assim, um recorte socioeconômico. Portanto, o sentimento de pertencimento, de participação ativa na Universidade, e conseqüentemente, de construção da percepção de si mesmo com base nos resultados da multiplicidade de experiências no ensino superior possuem influência do grau de suporte familiar e/ou financeiro que o indivíduo recebe.

Também foi possível perceber que uma conexão parental com familiares que possuem experiências e conhecimentos sistematizados acerca de sua história, cultura e vivências, pode auxiliar aqueles que se envolvem neste processo e, logo em seguida, ingressam na Universidade. Percebe-se como consequência deste fato, o desenvolvimento da familiaridade dos estudantes entrevistados acerca da percepção de si mesmo. A estudante Patrícia relata que cresceu em um ambiente politizado de discussões, com apoio interparental vindo de familiares funcionários do setor público. Já a estudante Cleo coloca que sua família paterna a influenciou no desenvolvimento de sua autopercepção como mulher negra. O estudante Gael cita a ancestralidade quilombola de sua mãe como referência. Portanto, observa-se que o contato com a cultura, história, vivências e politização da população negra a partir da transmissão de familiares posiciona esses estudantes em algum grau prévio de desenvolvimento de identidade a partir de suas raízes, enquanto outros indivíduos podem ter mais dificuldade para alcançá-lo, caso tenha tido experiências contrárias a essas.

A presença e participação de pais negros no processo de descoberta destas violências em diversos contextos podem auxiliar em uma minimização de consequências. Este fator possui influência em como estudantes negros se percebem dentro do ambiente acadêmico, e guia seu comportamento e inserção nos espaços da Universidade. A partir da aplicação de entrevistas semi estruturadas com estudantes negros da Universidade de Brasília vindos de diferentes realidades socioeconômicas e contextos que contribuem ou não para manifestação do sentimento de pertencimento na graduação, percebeu-se uma influência muito grande do fator psicológico dos pais nos sujeitos entrevistados. O vínculo próximo com sua própria comunidade, conhecimentos repassados pelos pais a partir da oralidade e o reforço da própria identidade são fatores identificados ao longo das

entrevistas que a partir de uma análise macro da realidade, coloca estes estudantes, de algum modo, em uma posição de encontro com o seu próprio “eu”.

Podemos ver que a vivência em um ambiente familiar que nutre determinadas discussões políticas também pode auxiliar esses estudantes a se entenderem como partes do processo de construção da Universidade pública. Dessa forma, existem diferenciações de experiências de graduação, em muitos casos determinadas pelo contato ou isolamento com aprendizados familiares que auxiliam na construção de identidade que refletem na atuação desses estudantes no ensino superior.

1.3 POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO

O investimento em políticas públicas voltadas para a educação é importante para a manutenção de programas de assistência estudantil, bolsas de ensino e pesquisa e investimento em estrutura. A partir de programas que auxiliam a permanência de estudantes na Universidade, é possível, além de reduzir a evasão, também promover uma maior comunicação entre estudante e Universidade, tendo em vista que a convivência nos espaços possui relação com o grau de estabilidade material e emocional que promovem um estímulo para maior inserção dos estudantes atendidos ao que é produzido pela comunidade acadêmica.

A convivência com estudantes e professores negros promove acessibilidade no diálogo dos agentes envolvidos: discentes e Universidade. Dessa forma, a ausência desses indivíduos nos espaços acadêmicos faz com que exista uma exclusão do conhecimento desenvolvido, afastando discentes negros do que é produzido na Universidade pública, logo, reduzindo as probabilidades de contato com espaços que promovem uma interlocução com o seu próprio “eu”, caracterizados pelo conteúdo político, cultural e interpessoal que cada um traz consigo.

A necessidade de investimento em políticas públicas voltadas para a educação vai além da mera manutenção destes programas. Esses aportes desempenham um papel crucial na construção de uma infraestrutura sólida que apoie a permanência dos estudantes no ambiente universitário. A convivência nos espaços acadêmicos se

entrelaça diretamente com o nível de estabilidade material e emocional, fornecendo um estímulo crucial para a participação ativa dos estudantes durante a graduação.

A introdução de programas destinados a apoiar a permanência dos estudantes na Universidade não apenas propicia ambiente adequado ao desenvolvimento acadêmico, como também estabelece ponte essencial de interações mais abrangentes entre a comunidade estudantil e a Universidade. A interação frequente e enriquecedora com estudantes e professores negros desempenha um papel central nesse contexto. A presença de representação negra nos espaços acadêmicos não apenas facilita o diálogo e a acessibilidade, mas também contribui para a formação de uma Universidade mais democrática, fomentando o enriquecimento da comunidade acadêmica.

A interconexão desses programas cria uma sinergia que contribui significativamente para a construção de uma experiência universitária mais completa e estimulante. O investimento em pesquisa e extensão inspira a cultura de aprendizado colaborativo e prático.

Dados do Sistema Integrado de Administração Financeira do Governo Federal (Siafi) indicam que durante a administração do governo Bolsonaro houve uma diminuição nos investimentos discricionários para o ensino superior, representando aqueles sobre os quais o governo detém o poder de efetuar cortes. A redução totalizou R\$ 13 bilhões em 2018, chegando a R\$ 8,2 bilhões em 2021 (APUB, 2022). No que diz respeito aos recursos obrigatórios destinados à rede federal de universidades e institutos federais, observou-se uma queda de 71%, resultando em uma perda de 1,3 bilhão.

A partir do contato com o grupo focal de entrevistados, percebeu-se os efeitos do racismo na inserção de jovens negros no curso de Ciência Política da UnB, esses efeitos atravessam o choque de realidades, não valorizando a pluralidade cultural. Vestimentas, expressões de linguagem, pertencimento e inclusão e ausência de auto reconhecimento a partir da observação do espaço são fatores percebidos nos indivíduos entrevistados.

A partir da leitura de Nilma Lino Gomes (2011, p.148), nota-se que é necessário a adoção de políticas públicas que considerem os conhecimentos e trajetórias de vida que fujam do padrão tradicional do estudante universitário brasileiro. Essa realidade demanda uma compreensão da importância da luta política nesse contexto, pois ela pode influenciar uma transformação na maneira como a universidade produz conhecimento e na direção que a pesquisa científica toma.

1.4 HEGEMONIA DO CONHECIMENTO

A hegemonia do conhecimento utilizado é ministrada na Universidade, dificultando as possibilidades de auto reconhecimento a partir do que é desenvolvido, além de construir indivíduos que perpetuam comportamentos diversas vezes desvinculados de sua própria história.

A repetição contínua de uma única narrativa leva à formação de uma compreensão simplificada e frequentemente deturpada da complexidade da experiência humana. A falta de uma compreensão abrangente pode influenciar significativamente nossas interações com o mundo e com as pessoas ao nosso redor. A internalização de ideias limitadas e a adoção de uma visão estreita do mundo podem surgir quando não há diversidade na representação cultural, intelectual e política. Simplificar excessivamente e enquadrar povos e culturas em narrativas unilaterais e estereotipadas contribui para essa compreensão limitada, não só do espaço externo mas também de si mesmo de forma internalizada (ADICHIE, 2009).

Observa-se que em alguns contextos, o sujeito negro se percebe imerso em um campo de apelo e desejo de se assemelhar ao padrão dominante, buscando respeito e reconhecimento como ser humano, mesmo que isso implique na alienação de sua identidade racial. O percurso para essa assimilação é delineado através da ascensão social, pois o significado simbólico do termo "branco" carrega consigo marcadores vinculados a um status econômico-social que se expande para toda a sociedade. Contudo, acolher essas prerrogativas acarreta um custo emocional considerável para o indivíduo negro, caracterizado pela experiência subjetiva de submissão e negação de sua identidade histórico-existencial.

Nas instituições de ensino superior públicas do Brasil, a diversidade acadêmica desempenha um papel fundamental. A repetição constante de uma única perspectiva pode restringir a variedade de abordagens nos diversos campos do conhecimento, o que por sua vez prejudica o desenvolvimento completo e multidimensional dos estudantes. Especificamente no curso de Ciência Política, a ausência de diversidade na representação cultural, intelectual e política pode distorcer análises e interpretações, destacando assim a importância da multiplicidade de narrativas para uma compreensão mais profunda das complexidades sociais e para promover pesquisas abrangentes e inclusivas. É responsabilidade das universidades públicas desafiar essas representações unilaterais, promovendo uma abordagem crítica e desconstrutiva. Dessa forma, é tarefa crucial dessas instituições estimular a reflexão crítica sobre questões éticas, sociais e políticas, assegurando que os estudantes possam ter contato com dilemas baseados em suas próprias realidades.

No Instituto de Ciência Política da UnB, observa-se a perpetuação de uma violência simbólica e silenciosa. É notável a reprodução constante e majoritária de uma única narrativa, que se expande para a atuação de projetos de extensão, grupos de pesquisa e coletivos do curso. Ao analisar as áreas de atuação profissional do curso, em conjunto com os agentes do ecossistema presentes nos espaços de convivência do alunado, conclui-se que existe a predominância de uma única realidade. Dessa forma, a presença de estudantes negros é importante para oferecer novas perspectivas de experiências interpessoais e políticas, que influenciam diretamente no viés profissional que será implementado. Contudo, existe uma dificuldade de inserção destas novas realidades, tendo em vista a pouca abertura institucional e cotidiana observada, fazendo com que até mesmo estudantes negros da área tenham o esforço de se adequar a essas normas, exprimindo as possibilidades de manifestação de suas próprias identidades. Para além disso, são grandes os obstáculos materiais de um estudante negro neste contexto considerando que por vezes, para obter ascensão social, é necessário em alguns momentos abdicar de seu próprio “eu”.

Ao observar o grupo focal, notamos uma gama de sentimentos e comportamentos gerados pelas violências manifestadas dentro do ambiente de graduação. O não

pertencimento, conteúdo acadêmico deslocado de sua familiaridade cultural, além da dificuldade de permanência na Universidade são fatores que influenciam de forma relevante no desenvolvimento emocional, interpessoal, acadêmico e profissional dos estudantes negros. Para mais, a manifestação de violências externas ao espaço acadêmico, violência policial, racismo ambiental, entre outros mecanismos institucionais de opressão afetam diretamente esses indivíduos. Dessa forma, é possível concluir que a falta de oportunidades e conjuntura social vivenciadas por estudantes negros na Universidade é uma das razões que distancia esse determinado grupo do acesso a espaços de disputa e difusão de conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ADUFSCAR - Sindicato dos Docentes em Instituições Federais de Ensino Superior dos Municípios de São Carlos, Araras, Sorocaba e Buri. **Observatório do Conhecimento: 10 anos da Lei de cotas raciais no Brasil**. Disponível em: <<https://www.adufscar.org.br/cotas-sim-cortes-nao/#:~:text=Um%20estudo%20elaborado%20pelo%20Instituto,2%25%20entre%20os%20jovens%20brancos>>. Acesso em: 02/01/2024.

APUB - SINDICATO DOS PROFESSORES DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR DA BAHIA. **Investimentos em educação do governo Bolsonaro é o mais baixo da década**. 2022. Disponível em: <<https://www.apub.org.br/investimentos-em-educacao-do-governo-bolsonaro-e-o-mais-baixo-da-decada/#:~:text=Em%202019%2C%20foram%20investidos%20R,8%2C2%20bilh%C3%B5es%20em%202021>>. Acesso em: 01/02/2024.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Entra em vigor lei que atualiza sistema de cotas no ensino federal**. 2023. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/1016535-entra-em-vigor-lei-que-atualiza-sistema-de-cotas-no-ensino-federal/>>.

CEBRASPE. **SUBPROGRAMA 2020-2022.** [s.d]. Disponível em: <https://www.cebraspe.org.br/pas/subprogramas/2020_2022/3>. Acesso em: 02/01/2024.

CNN BRASIL. **Negros e pardos em universidades federais passam de 41% para 52% em dez anos. 2022.** Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/negros-e-pardos-em-universidades-federais-passam-de-41-para-52-em-dez-anos/>>. Acesso em: 02/01/2024.

CRB - Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras. **Evasão e Educação Superior: 2,3 milhões abandonaram curso superior em 2021.** 2023. Disponível em: <<https://www.crub.org.br/evasao-e-educacao-superior-23-milhoes-abandonaram-curso-superior-em-2021/>>. Acesso em: 03/01/2024.

FANON, Frantz. **Pele Negra Máscaras Brancas.** Salvador: EDUFBA, 2008.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro no Brasil: ausências, emergências e a produção dos saberes. Política & Sociedade, Florianópolis, v. 10, 2011.

GUIMARÃES, A.S.A.; SOTERO, E. C.; RIOS, Flavia M. **Coletivos negros e novas identidades raciais.** CEBRAP, 2020.

METRÓPOLES. **UNB: número de estudantes negros triplica em 10 anos.** 2019. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/distrito-federal/educacao-df/unb-numero-de-estudantes-negros-triplica-em-10-anos>>. Acesso em: 02/01/2024.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Menos de 9% dos jovens pretos fazem ou fizeram faculdade, diz MEC.** G1, 2012. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2012/10/menos-de-9-dos-jovens-pretos-fazem-ou-fizeram-faculdade-diz-mec.html>>. Acesso em: 31/01/2024.

LIMA, Márcia; RAMOS, Paulo. **Educação e políticas de promoção da igualdade racial no Brasil de 2003 a 2014.** 2017.

O GLOBO. **Número de novos cotistas nas universidades federais tem a maior queda em dez anos, aponta Inep.** 2023. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/noticia/2023/10/23/numero-de-novos-cotistas-nas-universidades-federais-tem-a-maior-queda-em-dez-anos-aponta-inep.ghtml>>. Acesso em: 03/03/2024.

SOUZA, Neusa Santos. 2021. **TORNAR-SE NEGRO: Ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** Rio de Janeiro: Zahar.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Anuário Estatístico da UnB 2019 (Período 2014 a 2018).** 2019. Disponível em: <https://dpo.unb.br/index.php?option=com_content&view=article&id=47&Itemid=872>.